



A Construção Imagética do Paraibano em “Berro Novo”: Cenas de nordeste na visão do poeta Jessier Quirino ¹

Mariana Quirino Fechine²

Danielle Andrade Souza³

Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a forma com que o paraibano é visto pela literatura, através de um paralelo com a mídia. Para tanto, escolheu-se a obra de Jessier Quirino. Essa análise será feita a partir dos principais poemas/composições do autor, no livro “Berro Novo”, buscando a construção imagética do povo da Paraíba feita pelo mesmo nesta obra.

Palavras-chave: Jessier Quirino. Berro Novo. Paraíba. Nordeste. Mídia.

INTRODUÇÃO

Tida por alguns, como uma das regiões mais ricas em recursos naturais e tradições, o Nordeste é tema recorrente nos meios de comunicação e expressão, entretanto, nem sempre são essas as características evidenciadas. Quando essa região, ou algum de seus estados, é abordado por estes, a visão estereotipada é reforçada pelas imagens de seca, pobreza e outras conseqüências dessa problemática. Seja na ficção ou na vida real o nordestino é mostrado de formas que acabam por reforçar a identidade para ele construída.

Isto pode ser observado com maior freqüência em telejornais, novelas, mini-séries, filme - na mídia de uma forma geral, mas também na literatura, que ao tentar imitar a forma que o nordestino fala e age, acaba por caricaturar esse povo. Yonne Leite e Dinah Callou (2002, p.20) afirmam: “A linguagem [...], usa e abusa desses traços singularizadores, acabando por caricaturar e igualar a fala de nordestinos e nortistas, baianos, pernambucanos, paraibanos ou cearenses, amazonenses ou paraenses.”

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Arte e Mídia da UFCG, email: mariana_fechine@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professor do Curso de Arte e Mídia da UFCG, email: danielle@artemidia.ufcg.edu.br



Com o objetivo de analisar a forma com que a literatura, em particular, constrói a imagem do paraibano, foi escolhido o livro “Berro Novo” do poeta, também natural do estado da Paraíba, Jessier Quirino, que diferentemente do que é visto através de muitos autores, busca a valorização do povo dessa região.

Nordeste em Foco

No ano de 1919, a partir de um discurso institucional que delimitava as regiões que mais necessitavam da contribuição do governo, como afirma Albuquerque Jr. (2006), uma parte da região Norte – a que apresentava mais suscetibilidade à estiagem – passou a ser chamada de Nordeste. Nesta nova região entrava em ação o IFOCS – Inspeção Federal de Obras Contra as Secas, que tinha como principal meta a elaboração e construção de alternativas que acumulasse água para a população e suas necessidades, no período da seca.

Dessa forma, percebemos que desde a divisão do Nordeste, este já estava atrelado à questão da seca e é esta idéia que não é modificada ou sequer somada a outros valores mais importantes do que este. Podemos ver isso a partir do pensamento construído por Albuquerque Jr. (*op. Cit.*, p.68) e por Oliveira (*apud* PENNA, 1992)

O Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito deste fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio colocá-lo como problema mais importante desta área.

[...] os limites territoriais-administrativos dos Estados que compõem o Nordeste brasileiro estão carregados da própria história da formação econômico-política nacional de suas diferenciações.

Visto que cada região tem suas riquezas e tradições, não podemos esquecer que muitas compõem os nove estados (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe) nordestinos. Cada um com suas particularidades, mas destacando-se das mais diversas áreas como: recursos naturais, artesanato, produção musical, cinematográfica, agrícola, entre outros. Assim podemos afirmar que esta é uma das regiões de maior diversidade de riquezas naturais e culturais,



como afirma Freyre (*apud* SOUZA, 2007): “A verdade é que não há região no Brasil que exceda o Nordeste em riquezas de tradições ilustres e nitidez de caráter”.

São estes pontos que precisam ser mais bem explorados pelos meios de comunicação e expressão, para que se possa ter uma visão mais realista do que é Nordeste, o que proporcionaria uma visibilidade maior da região em questão.

Neste artigo, em particular, o estado da Paraíba foi escolhido para ser analisado. Já que o autor da obra em questão é natural da cidade de Campina Grande, a segunda maior cidade do estado.

O estado da Paraíba, como foi citado anteriormente, é um dos nove estados que compõe a região Nordeste e assim como sua região, não é reconhecido quanto as suas riquezas. Já que muitas vezes a individualidade e particularidades de cada estado não são respeitadas. Geograficamente tem uma área de 56.439 km² e é conhecido por ter a cidade (capital do estado) onde o sol nasce primeiro, João Pessoa. Além de muitos outros destaques no turismo nordestino.

Construindo uma Imagem

O ser humano, de uma forma geral, assimila melhor as informações que lhe foram passadas sobre uma pessoa ou um objeto, quando junto a descrições e detalhes, há um elemento visual de ligação entre eles. Como afirma Blass (org.) (2006, p.43):

A construção do mundo pelo elemento humano é uma construção essencialmente imagética. Nas mais diferentes culturas há leituras do pôr-do-sol, do brilho das estrelas, das sombras da lua, das expressões faciais das crianças e, principalmente, da imagem de cada homem diante de um outro homem, base identitária, espelho que fundamenta a própria existência.

Ao longo dos anos uma imagem distorcida do paraibano, foi sendo construída pelos meios de comunicação e por pessoas que não conhecem a região. Costuma-se pensar que toda a Paraíba não tem uma boa estrutura física em suas cidades, assim como educação, cultura, entre outros elementos que os moradores deste estado sabem da sua existência e utilizam-nos. Entretanto isso só se torna possível diante da construção imagética feita, principalmente pelos meios de comunicação, para o Nordeste, que além



de estereotipar essa região, a torna homogênea, como todos estados fossem iguais e não tivessem suas particularidades. Para Albuquerque Jr. (2006, p.307)

O Nordeste é uma cristalização de estereótipos que são subjetivados como características do ser nordestino e do Nordeste. Estereótipos que são operativos, positivos, que instituem uma verdade que se impõe de tal forma, que oblitera a multiplicidade das imagens e das falas regionais, em nome de um feixe limitado de imagens e falas-clichês, que são repetidas *ad nauseum*, seja pelos meios de comunicação, pelas artes, seja pelos próprios habitantes de outras áreas do país e da própria região.

Assim, podemos perceber que, enquanto a identidade do nordestino, estiverem ligados somente à seca, à miséria, à fome, à falta de instrução; uma construção imagética desse povo dificilmente será real ou próxima disso. Reforçando a idéia de que há a necessidade de se elaborar um novo conceito identitário para todo o povo do Nordeste, independente do estado em questão.

Para uma melhor elaboração desse conceito, Penna (1992), afirma que a identidade assume múltiplas formas e que o que diferencia cada uma dessas é a relação entre identificado e identificador. Assim, se faz necessária também, uma consciência do paraibano (nesse caso o identificado) de todos os elementos que constroem sua identidade, para que ele consiga passar a imagem correta para as pessoas que vão utilizar-se da construção imagética em torno dele.

Uma das formas que proporcionam esta consciência, nas duas partes do processo de construção de conceito identitário, é a relação entre mídia e literatura que vem crescendo a cada dia. É partir dessa problemática em torno da construção imagética do paraibano, junto com os meios de comunicação, que será analisado, mais a frente, o livro “Berro Novo” do poeta Jessier Quirino.

Literatura e Mídia

Há muito tempo se pode ver na televisão e no cinema, assim como no teatro, o interesse em adaptações literárias para a construção de filmes, novelas, minisséries, peças, entre outros. Essa iniciativa proporciona ao espectador, mesmo que de forma sutil, o conhecimento e por vezes o interesse em aprofundar-se nessas obras, já que ao ver o texto transformado em imagem, este se torna mais atrativo. A exemplo disto estão:



Harry Potter; a saga Crepúsculo; O Senhor dos Anéis - no âmbito internacional e Tieta do Agreste; Dona Flor e Seus Dois Maridos; Gabriela, Cravo e Canela – no cenário nacional.

Outro veículo de comunicação em massa que vem de forma crescente ocupando seu espaço para a divulgação e acessibilidade da literatura é a internet. Que através de bibliotecas *online*, banco de artigos científicos, *e-books*⁴ e milhões de sites para *download*, trazem a possibilidade de tornar a leitura algo mais prático e de fácil acesso.

Para tanto se faz necessário a compreensão dos reflexos desta disseminação, na sociedade atual, já que esta não terá somente o papel de divulgação, mas também o poder de formação de imagens e conceitos, como afirma Olinto (2002, p. 7):

Se os efeitos do desenvolvimento de novas tecnologias midiáticas sinalizam a sua presença irreversível em quase todas as esferas significativas da vida social, uma análise da constelação desses processos comunicativos midiáticos transformou-se hoje em necessidade urgente.

Assim, percebe-se a necessidade da inserção das obras literárias na mídia, não somente para que haja uma exposição desta, mas também como forma de atualização no mercado – onde as novas tecnologias estão sendo utilizadas frequentemente, independente do produto que se deseja expor.

Jessier na Mídia

Não distante da realidade atual, a mídia também foi e é de grande importância para a carreira do poeta Jessier Quirino. A partir de apresentações nos diversos segmentos desta como: Programa do Jô (Rede Globo), Fantástico (Rede Globo), Sr. Brasil (TV Cultura), Ensaio (TV Cultura), Seis & Meia na TV (TV Itararé), rádios (AM e FM) da região Nordeste, participação na Feira do Livro (Porto Alegre), site na internet, comunidades em sites de relacionamento, links para download de seus livros e CDs, entre outros; muitas pessoas passaram a conhecer e a valorizar o trabalho do mesmo. E este reconhecimento fez com que outras “portas” fossem abertas, possibilitando a ampliação da divulgação da sua obra.

⁴ Expressão estrangeira que designa os livros em formato digital ou eletrônico, que podem ser lidos através de computadores e até mesmo celulares.



Essa relação entre a literatura e a mídia, serve não somente para alavancar a carreira do autor, mas também para disseminar por todo o país, e até mesmo por todo o mundo – já que a internet nos permite isso – a visão do Nordeste, e do seu povo, que é construída durante toda a sua obra.

Apresentando o autor – Jessier Quirino

Nascido no ano de 1954, na cidade de Campina Grande – no interior da Paraíba – Jessier Quirino é quarto filho, no total de cinco, do casal Antônio Quirino de Melo e Maria Pompéia Araújo de Melo. Que se destacava dos seus irmãos por trazer em sua personalidade características como a timidez e o gosto pela leitura. Muito observador, era através da poesia que ele encontrava uma maneira para burlar a vergonha e representar aquilo que via de forma cômica.

Aos poucos, quando no ano de 1983 Jessier mudou-se para a cidade de Itabaiana (PB) e passou a ter ainda mais contato com a temática regional, amigos e familiares tomaram conhecimento deste talento ainda desconhecido. Foi então que em 1996 o seu primeiro livro intitulado “Paisagem de Interior”, foi publicado. A partir daí uma seqüência de apresentações foram feitas e novos poemas foram surgindo e com eles os livros: *Agruras da Lata D’Água* (1998), *Chapéu Mau e o Lobinho Vermelho – Infantil* (1998), *Política de Pé de Muro, Prosa Morena* (2001), *Miudinha* (2003), *Bandeira Nordestina* (2006), *Paisagem de Interior I e II – CD e revista* (2007), e por último *Berro Novo* (2009) – que por ser o objeto de análise desse artigo terá mais ênfase na próxima seção.

Com estes livros e espetáculos, seus poemas romperam as fronteiras do Nordeste e até mesmo no Brasil, tomando proporções que destacavam ainda mais seu trabalho de valorização e reconhecimento do povo de sua região. Como por exemplo, a participação em programas de televisão, em rede nacional, tais qual: Programa do Jô, Ensaio e Sr. Brasil.

Além de reconhecimento frente aos críticos literários e artistas de renome, tais como: Gilberto Braga de Mello (*apud* QUIRINO, 2006), Bráulio Tavares (*apud* OLIVEIRA, 2006) e Sivuca (*apud* QUIRINO, 2009), respectivamente:



Do seu primeiro livro, *Paisagem de Interior*, ao *Bandeira Nordestina*, a evolução da poesia de Jessier é marcada pela consolidação da beleza de um estilo com força pra resgatar tradicionais figuras literárias da arte popular nordestina. Isto sem se perder na vulgarização do saber do povo – [...].

Mestre Jessier: Ainda com a lata d'água na cabeça, tomo a pena para rascunhar uns rabiscos a respeito. A riqueza provavelmente inesgotável do seu vocabulário faz de você um poeta de imensa importância social, pela recuperação e vivificação de incontáveis palavras (arcaísmos, regionalismos, etc) em que bruxuleavam moribundas, preste a extinguir-se por que ninguém as usava mais.

Jessier Quirino é um artista absurdamente talentoso, um poeta popular da mais expressiva sensibilidade e verbo fluente. Um recitador que tem um curioso tempero para as palavras. Gosto de vê-lo solto nos versos, exercitando, suas virtudes e sua fértil imaginação.

E foi por essa trajetória de sucesso na representação e construção imagética do paraibano, assim como de todo o povo na região Nordeste, que escolheu-se neste artigo, analisar a obra mais recente deste autor, *Berro Novo*.

Berro Novo – com bemóis de poesia

Oitavo livro do poeta Jessier Quirino, publicado pelas Edições Bagaço, *Berro Novo* é o mais novo trabalho do autor. Que trás consigo elementos característicos do mesmo, tais quais: descrição dos habitantes da região Nordeste, do ambiente e ainda histórias cômicas e peripécias desse povo. Assim como afirma o próprio autor (QUIRINO, 2009, p. 14):

No presente *Berro Novo*, com a delicada veemência dos versos, trago enfaixado em poesia, causos e canções, alguns decalques de imagem que, a meu ver, refletem bem o hálito revigorante dos terreiros nordestinos, e mais outros estudinhos poéticos; quase sempre com certa surpresa no dizer, inclusive esta da tecnologia na fala dos matutos, com as devidas reservas ou críticas em defesa das nossas tradições.

Composto de setenta poemas/canções e acompanhado de um cd, assim como outros livros do autor, conta com participações de Dominginhos, Xangai, Josildo Sá e Maestro Spock. E ainda com ilustrações de capa e no interior do livro, do artista plástico



paraibano, Shiko. O que torna o livro ainda mais rico de tradições culturais, por cada uma dessas colaborações, acrescentadas.

No prefácio, do pernambucano Marcus Accioly, ele afirma que (*apud* QUIRINO, 2009): “Das várias acepções do substantivo berro, uma existe, usada na gíria, como sinônimo de revólver. E parece ser o que Jessier Quirino justamente quer: atirar, disparar, deflagrar o novo tiro da sua poesia”.

E foi a partir desse disparo de poesias inéditas que se resolveu analisar a construção imagética do paraibano feito pelo autor nesta obra.

Analisando a imagem do paraibano em Berro Novo

Como dito anteriormente, o livro *Berro Novo* é composto de setenta poemas/canções, então, para uma melhor análise da imagem construída à cerca do paraibano, foram escolhidos três poesias do mesmo. São elas, respectivamente: “É o chicote do verso a lapear”, “Um sonhador maginando” e “Uma carta de perai”.

“É o chicote do verso a lapear” (QUIRINO, 2009, p. 18 -19) descreve uma figura muito comum no Nordeste brasileiro, assim como na Paraíba em particular, o cantador/violeiro. Que de forma peculiar, sempre está presente em reuniões e festejos mostrando sua forma de fazer arte com elementos da região onde vive. Segundo Ernesto Filho (2008), essa tradição teve sua origem na França e por volta do século VXII chegou ao Brasil, através da fusão da poesia local portuguesa com a trova dos poetas franceses, tendo um maior destaque nos estados da Paraíba, Pernambuco e Ceará.

Durante todo o poema o autor vai apresentando elementos citados pelo cantador no momento de sua apresentação, o que vai dando ao leitor a possibilidade de uma construção imagética não só do momento desta cantoria, mas também do ambiente em questão. O autor ainda busca ressaltar, a importância de se cantar versos que tenham como base o sertão, já que aos poucos essa tradição vai dando lugar às músicas provenientes do sudeste/centro-oeste do país. Podemos ver isso nos versos (QUIRINO, *op. Cit.*):

[...]
Canta o mato, o monturo e a garranchada



Pois o mato tá pra se cantar
Dá-lhe cantador dos trapiás
Dos barreiros nas mãos das lavadeiras
Dá-lhe cantador das carpideiras
É o chicote do verso a lpear

E essa, acreditamos que seja a principal característica representada por este poema, a cantoria baseada nas experiências pessoais, em uma região que para muitos não há beleza, dada a uma construção equivocada de estereótipo. Mas que é rica de tradições, histórias, cultura e elementos capazes de inspirar cantadores, poetas etc. Como podemos ver na obra de outro poeta brasileiro, Manuel Bandeira (BANDEIRA, sd):

[...]
Para cantar afinado,
Para cantar com paixão,
A força não está no braço,
Ela está no coração.
[...]

Assim, fica clara a construção imagética do cenário nordestino (de forma mais ampla) e paraibana (de forma mais particular) neste poema, em prol da valorização da tradição, do povo e da região em questão.

“Um sonhador maginando” (QUIRINO, 2009, p.26), assim como o poema anterior, compõe o CD que acompanha o livro Berro Novo e conta com a participação de um importante nome para a música popular brasileira, Dominginhos. Através de versos rimados descreve uma situação imaginária construída por um morador da região Nordeste, onde a seca se instalou e a água é uma riqueza natural esperada com ansiedade.

Como podemos ver através da opinião de Souza (2009, p.68), essa temática por ser uma das maiores dificuldades do nordestino, sempre é retratada por diversos meios de expressão.

De fato, uma das maiores dificuldades do homem rural nordestino é a falta d’água, aliada também ao descaso da falta de políticas públicas. Situação retratada no cancionário popular nordestino através de Luiz Gonzaga, Patativa do Assaré, Catulo da Paixão Cearense, entre outros

Entretanto, a abordagem feita por Jessier Quirino neste poema, é totalmente distante da imagem de tristeza e sofrimento do paraibano em torno da seca. Ele procura



tirar dessa situação algo que represente no paraibano um espírito de esperança, através do ato simbólico de imaginação, que aquela situação irá mudar. Como podemos melhor compreender, com a apresentação dos versos do poema analisado (QUIRINO, *op. Cit.*)

Tou maginando um navio
Um veleiro voador
Cheio de água e frescor
Pra, no sertão, vaguear
Com meu barco eu avoar
Por ali surrupiando
Parando de quando em quando
Por tudo quanto é roçado
Quem der de beijo espantado:
— Que diacho tu ta tramando?!
Responderei animado?
Apenasmente aguando.
[...]

É desta forma que percebemos a construção imagética do paraibano solidada nas bases da valorização e não na afirmação de um estereótipo de seca aliado à tristeza e sofrimento.

“Uma carta de peraf” (QUIRINO, 2009, p. 33 – 34), é o último poema a ser analisado neste artigo e trás uma característica diferente dos outros acima analisados. Ele trata de uma história de amor, que está por acabar, mas que no momento de definição da separação (clímax), uma carta de “espere aí” chega e faz renascer o amor do casal. E é essa a particularidade do poema, apresentar uma situação que está propensa a acontecer com qualquer pessoa, em qualquer região do país, pela visão de um morador da região Nordeste.

O que de certa forma, compõe, ou tem características, do romance regionalista (ou romance de trinta), que segundo Souza (2009, p. 62), teve início com Franklin Távora, em 1876, com a publicação de “O Cabeleira”. E que para Albuquerque Jr. (2006, p. 119): “[...] dotará o Nordeste de uma visibilidade e uma dizibilidade que passa inclusive pelo trabalho com a linguagem e se apóia basicamente num trabalho com a memória [...]”

Que se torna claro, a partir do momento em que se tem contato com os versos do poema:

Ouvi dizer que paixão



É um salto duplo e mortal
De um amor aventurado
Pulando em riba um do outro
Às cegas e embriagado.
[...]

Assim reafirmamos a construção imagética, deste poema – assim como de todo o livro *Berro Novo*, baseada na valorização do povo da região Nordeste, ressaltando características pouco exploradas por outros autores e por isso desconhecidas por muitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do presente estudo constatou-se que várias são as possibilidades de abordagem a cerca do Nordeste, pelos meios de expressão. A literatura, em particular, se mostra mais verossimilhante, pela sua representação da linguagem, embora não desconstrua o estereótipo que vem sendo formado para os nordestinos e de forma mais característica ao paraibano. Assim, faz-se necessária uma ampliação de conhecimento daquelas pessoas produtoras de conteúdo, para que se tenha uma melhor exploração em torno da temática.

Quando somamos este fato à mídia, podemos perceber a ampliação do poder de representatividade exercido pela literatura, o que vem sendo bastante explorado. Assim, podemos afirmar que esta é mais uma possibilidade de disseminação e inclusão do perfil imagético criado no livro aqui analisado.

O poeta analisado por este estudo, Jessier Quirino, procura em toda sua obra, não somente no livro *Berro Novo*, valorizar a tradição, a cultura e principalmente o povo da região Nordeste. E é essa característica que o torna tão respeitado em todos os âmbitos da sociedade brasileira. Entretanto, nem todos os nordestinos têm acesso a esse material, mesmo que ela já esteja disponível na internet. Faltando, então, uma popularização dessa obra, como já acontece no estado de Pernambuco.

Assim, reafirmamos e valorizamos a importância da desvinculação do paraibano do estereótipo para ele construído e a construção imagética baseada em elementos condizentes à vida do povo nordestino de um modo geral.

Referências Bibliográficas



ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

BANDEIRA, Manuel. **Cantadores do Nordeste**. Disponível em: <http://charlesmallarme.wordpress.com/2008/11/05/cantadores-do-nordeste/>. Acesso em: 19 out. 2009.

BLASS, Leila Maria da Silva (Org.). **Ato de trabalhar: imagens e representações**. São Paulo: Annablume, 2006.

ERNESTO FILHO, Pedro. **Da cantoria convencional ao festival de viola**. Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/1178258>. Acesso em: 19 out. 2009.

LEITE, Yonne. CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

OLINTO, Heidrun Krieger (Org.). **Literatura e Mídia**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Um olhar léxico-semântico sobre o vocabulário regional em Agruras da Lata D'Água de Jessier Quirino**. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino**. São Paulo: Cortez Editora, 1992

QUIRINO, Jessier. **Bandeira Nordestina**. Recife: Edições Bagaço, 2006.

QUIRINO, Jessier. **Berro Novo**. Recife: Edições Bagaço, 2006.

SOUZA, Arão de Azevedo. **A representação do matuto na obra do poeta paraibano**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade). Centro de Educação. Universidade Estadual da Paraíba.

SOUZA, Scheilla Franca de. **As várias faces do Cinema-Nordeste**. Disponível em: <http://www.rp-bahia.com.br/biblioteca/inter-nor2007/resumos/R0128-2.pdf>. Acesso em: 11 out. 2009.